



SEÇÃO: DOSSIÊ

Desastre nuclear, espaço e trauma: uma oração à Tchérnobil a partir de Svetlana Aleksievitch

Nuclear disaster, space and trauma: a prayer for Chernobyl from Svetlana Aleksievitch

João Camilo Grazziotin

Portal¹

orcid.org/0000-0003-2070-0998

joacamilooo@gmail.com

Recebido em: 28/4/2020.

Aprovado em: 9/7/2020.

Publicado em: 21/12/2020.

Resumo: O presente artigo pretende analisar o desastre nuclear de Tchérnobil, ocorrido em 1986 entre a fronteira da Ucrânia e da Bielorrússia. Seu objetivo é compreender como os efeitos da radiação transformaram Tchérnobil e seus arredores em "zonas contaminadas", o que sugere uma espacialidade traumatizada. Para tanto, se recorreu a uma discussão, da área de psicologia, a respeito do trauma, sobretudo a partir de uma temporalidade e de uma linguagem traumática. Dessa forma, os efeitos dos radionuclídeos no ambiente, que por vezes fazem "a vida" e "a morte" se confundirem na silenciosa guerra radioativa, corroboram a interpretação de que, em termos naturais e físicos, o desastre nuclear é um exemplo de como o ser humano atualmente atua como agente central de modificação ambiental. Assim, recorreu-se às análises de Hannah Arendt a respeito dos avanços técnicos da Revolução Atômica e a conquista do espaço. Nesse sentido, à luz dos debates do Antropoceno, o desastre nuclear demonstra a capacidade técnica de destruição ambiental – ou de autodestruição do nosso planeta – pela humanidade. Para um entendimento sobre a relação das testemunhas com o espaço contaminado, propõe-se uma leitura do acontecimento a partir do livro *Vozes de Tchérnobil*, da escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, em diálogo com os estudos científicos das áreas radiológica e química.

Palavras-chave: Desastre nuclear de Tchérnobil. Svetlana Aleksievitch. Trauma radioativo.

Abstract: The present article aims to analyze the nuclear disaster of Chernobyl, occurred in 1986 in Belarus. Its objective is to understand how the effects of radiation transformed Chernobyl and its surroundings in "contaminated zones", what suggests a traumatized perception of space. To this end, a debate of the area of psychology about trauma was incorporated, especially from the view of a traumatic language and a traumatic temporality. In this sense, the effects of the radionuclides in the environment, which often make "life" and "death" confuse with each other in the silent and radioactive war, corroborate the interpretation that, in natural and physical terms, the nuclear disaster is an example of how human beings, in the present time, act as central agents of environmental change. Thus, Hannah Arendt's analyzes of the technical advances of the Atomic Revolution and the conquest of space were used. Along those lines, through the debates about the actual epoch known as Anthropocene, the nuclear disaster demonstrates the technical capacity of ambiental implosion – or the selfdestruction of our own planet – by humanity. For the understanding of the relationship between witnesses and the radioactive space, an interpretation of the event from the lenses of the book *Voices from Chernobyl*, of the belarusian writer Svetlana Aleksievitch, in dialogue with scientific studies in the quimical and radiological areas.

Keywords: Nuclear disaster of Chernobyl. Svetlana Aleksievitch. Radioactive trauma.



¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

Estabelecendo uma relação entre temporalidade e espacialidade, ou entre a história e a geografia, podemos dizer que toda experiência se move tanto no espaço quanto no tempo. Segundo Danielle Schaub, referência canadense nos estudos entre literatura e trauma, é através de um envolvimento com o lugar que o ser humano passa a adquirir significado e definição, relação essa que é expressa pelos seres por meio da linguagem (SCHAUB, 2019) através de aglutinações identitárias. Dessa forma, as ações de espacializar e de temporalizar as percepções ajudam a traduzir os impulsos internos dos sujeitos, de modo a ocorrer uma interpelação com o tempo e o espaço, sejam eles sociais ou não. Esses processos, logo, produzem certa imagem que passa a se mover no espaço e no tempo através da memória: memória afetiva, memória social, memória cultural, memória sensorial etc. Dessa forma, a aglutinação de experiências em torno de uma memória comum torna-se também uma identidade comum, o que, conforme argumenta Aleida Assmann, é um dos fatores que dá coesão a determinado grupo. Esse foi o caso, por exemplo, da circunscrição territorial para o Estado-nação, que, no início da modernidade, passou a circunscrever espacialmente uma identidade comum para seus habitantes: os aceitos e os expulsos (HERING TORRES, 2003; FOUCAULT, 1997).

É em sentido semelhante que Aleida Assmann desenvolveu a categoria de *common memory*, considerada como memórias comuns relacionadas a determinado período histórico. À memória, assim, seriam alçadas duas funções principais: sua energia impulsionadora e sua autoimagem formativa. A estabilidade comum da memória coletiva é um dos componentes da identidade de um grupo, permitindo uma fixação em um espaço e em um tempo definidos e constantemente reatualizados no dinâmico processo de criação de identidades a partir de suas temporalidades específicas. Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs, a memória coletiva "assegura a singularidade e a continuidade de um grupo" (HALSBWACHS, 1985 apud ASSMANN, 2010, p.

144), sendo uma construção constante por parte de seus atores. Na interpelação entre o indivíduo e o seu ambiente, Aleida Assmann reafirma que "a história de vida 'habitada' pelo indivíduo agrega lembranças e experiências e as situa em uma estrutura que define sua vida como autoimagem formativa, além de conferir-lhe orientação para agir" (ASSMANN, 2010, p. 148). Dessa forma, as memórias, que sempre partem de uma relação com o espaço e o tempo, dão forma a percursos de vida, vivências presentes e projetos coletivos em torno da temporalidade. Dessa forma, cada sociedade, cada grupo e cada indivíduo possui determinada relação com seu passado, seja glorificando-o, traindo-o, heroizando-o, vivendo-o a partir de continuidades ou rupturas etc.

Entretanto, o que fazer quando o próprio tempo e a própria conquista do espaço parecem se voltar contra a humanidade? O que fazer quando a vida passa a ser travestida de morte, em um ambiente onde ao mesmo tempo crescem flores que, muito embora bonitas, estão contaminadas biologicamente pela radiação? Parece ser esse o caso do desastre nuclear de Tchérnobil, ocorrido entre as fronteiras soviéticas da Ucrânia e da atual Bielorrússia, no dia 26 de abril de 1986, que ficou conhecido como o maior desastre técnico da história da humanidade. A explosão do reator 4 provocou uma enorme explosão, cujo incêndio se prolongou durante dez dias. Para conter o incêndio e limpar o local, centenas de milhares de habitantes soviéticos foram enviados ou se voluntariaram para a região de Tchérnobil com o intuito de ajudar sua pátria, e, infelizmente, muitos mortos ou contaminados em decorrência da extrema radiação, principalmente, nos primeiros dez dias.

A radiação passou a definir certa memória em relação à região, localizada entre as fronteiras da Ucrânia e da Bielorrússia, pois continuou e continua a se fazer presente no espaço de maneira incorpórea, colocando um grande ponto de interrogação com relação ao progresso humano e, àquela época, ao projeto político soviético. Assim, podemos ler o desastre nuclear soviético: como uma ruptura na relação com o espaço. Dessa forma, perguntamos: como Tchérnobil,

os desastres nucleares e a existência de armas nucleares desafiam nossa visão de mundo e da espécie humana como comunidade política? De que forma podemos construir uma narrativa que dê conta dessa experiência? Como compreender esse fenômeno à luz dos debates do Antropoceno? De que forma esse evento inscreve uma relação entre seus habitantes e seu ambiente? Como esse evento – o desastre nuclear – modificou a relação daquela sociedade com seu meio, e de que modo esse meio é inscrito na temporalidade e na linguagem? Por meio dessas interrogações, propomos uma chave de leitura dessa situação a partir do livro *Vozes de Tchérnobil*, da escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, publicado originalmente em 1997 e publicado no Brasil em 2016.

A escrita de feridas em aberto

Em linhas gerais, a disciplina histórica contemporânea tratou de versar sobre temas completos, considerando-os acabados, havendo uma distinção clara entre passado e presente, o que, para Henry Rousso (2016), é uma das manifestações de que os historiadores, atualmente, vêm cada vez mais se debruçando sobre o *contemporâneo*, questão essa fruto de debates calorosos em âmbito nacional (ÁVILA; NICOLAZZI; TURIN, 2019). Essa questão vem sendo fortemente revisitada socialmente também em âmbito mundial a partir das suas mais diferentes faces atualmente, seja pela dificuldade de países em lidarem com seus passados coloniais que se manifestam como inacabados, muito embora a independência com relação às metrópoles, seja pela existência de "passados que não passam", como é o exemplo de diversas vozes que se erguem mundialmente clamando por verdade e justiça com relação a injustiças cometidas por regimes autoritários do século XX. Essa espécie de ferida aberta pode delimitar o caso do acidente de Tchérnobil com relação à sociedade bielorrussa. É a partir desse contexto, de passados que existem como cicatrizes incompreendidas e ainda em aberto, que o tema da memória se tornou amplamente discutido na academia e presente socialmente, na medida em que atesta um agenciamento de

passados incompletos, fenômeno que Svetlana contribui através da literatura.

Em termos disciplinares, desde a metade do século XX a própria ideia de uma escrita da história marcada por um distanciamento e uma verdade puramente objetiva é questionada, na medida em que hoje percebe-se a história mais como uma construção narrativa do que como a descoberta de um "passado em si", como se os acontecimentos existissem por si só e ao historiador fosse dada a posição de somente ordená-los e trazê-los à tona para a superfície presente. Nesse sentido *contemporâneo* que constitui nosso tempo, conforme sugere Rousso (2016), podemos considerar o desastre nuclear de Tchérnobil como um dos exemplos de acontecimentos que não se apagaram. Um evento que, inclusive, não se deixa apagar pelo tempo e que permanecerá por muito tempo incompleto em termos de uma temporalidade radioativa, pois desafia a própria distinção entre a temporalidade da natureza e a temporalidade humana.

Não à toa a releitura dessa distinção provoca uma grande incompreensão por parte dos habitantes de Tchernóbil. Assim nos conta a escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, ganhadora do Nobel de Literatura de 2015, autora publicada em cinquenta países e mundialmente editada atualmente. Assim, a escritora empreende a difícil tarefa de narrar um evento incompleto, marcado pelo trauma, pelo desastre e por uma ruptura em relação ao espaço. Seu trabalho enquanto literata representa uma imensa fortuna crítica em termos textuais e faz parte do fenômeno contemporâneo da literatura catastrófica, que, assim como a atual historiografia, alça seus olhos às feridas contemporâneas. Seu livro, *Vozes de Tchernóbil*, é composto por diversos fragmentos de entrevistas realizadas por ela com sujeitos que viveram/vivem perto da cidade ou então lá estiveram em decorrência do desastre, como é o caso de diversos bombeiros, liquidadores e demais cidadãos de diversas localidades da Ucrânia e da Bielorrússia evacuados, que receberam diferentes doses de radiação de acordo com suas temporalidades de exposição. Assim nos diz uma testemunha entrevistada por Svetlana com relação à incompreensão:

E as cristas das galinhas ficaram negras, não eram mais vermelhas. Coisas da radiação. E não conseguíamos fazer queijo. Passamos um mês sem nata e sem queijo. O leite não azedava, virava pó, um pó branco. Por causa da radiação.

Essa radiação estava na minha horta. A horta ficou toda branca, branca, branca, como se estivesse polvilhada. Eram muitos pedacinhos... Eu pensei que fosse alguma coisa do bosque que o vento tivesse trazido (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 72).

Essa incompreensão, provocada pelo embaçamento dos sentidos em decorrência dos efeitos espaciais da radiação, revelam a face de um acontecimento que resiste à percepção, pois Tchérnobil é um dos exemplos que extrapolam as categorias sensoriais e, inclusive, a própria relação entre ciência e sentidos, conforme muito bem sugeriu Pedro Telles da Silveira (2017, p. 15). Conforme argumentarei, Tchérnobil é um dos eventos ímpares do século XX justamente pelo fato do seu trauma se manifestar não apenas psíquica ou socialmente, mas sobretudo no espaço que possibilita a vida, desafiando, assim, o próprio significado de progresso técnico-científico da humanidade.

A revolução atômica como conquista do espaço

A reflexão a respeito das conquistas técnico-científicas após a Revolução Atômica fora pensada por Hannah Arendt quando analisou a conquista do espaço a partir da ciência contemporânea, em texto intitulado "A conquista do espaço e a estatura do homem". Nesse texto, a partir da descoberta da divisibilidade do átomo e a alçada do ser humano ao espaço, a autora conclui que esses eventos deram margem para que se pensasse a conquista do espaço como um domínio insaciável que deseja sempre mais, questionando-se sobre os limites da conquista. Sobre a capacidade de destruição armamentista no século XX e o tamanho controle do ser humano com relação às armas e aos conflitos entre estados, nos diz ela, em *Sobre a revolução*:

Dezessete anos depois de Hiroshima, nosso domínio técnico dos meios de destruição se aproxima rapidamente do ponto em que todos os fatores não técnicos numa guerra, como o ânimo dos soldados, a estratégia, a competência dos generais e mesmo o simples acaso, são completamente eliminados, e os resultados precisão (ARENDRT, 2011, p. 42).

Humanizando e refletindo sobre as conquistas científicas do século XX, tal como a fissura atômica e a corrida espacial, Arendt também desafia as categorias de tempo e espaço que possibilitam a própria existência humana enquanto tal, a partir de experiências, ou de catástrofes, que parecem não caber na linguagem. Ora, os desastres nucleares são fenômenos que nos permitem refletir sobre esse tipo de conquistas técnico-científicas, mesmo que a energia nuclear seja considerada uma das mais sustentáveis. É de forma semelhante que Svetlana Aleksievitch se questiona, a respeito da incompreensão que cerca o acontecimento de Tchérnobil:

É claro que eu poderia ter escrito um livro rapidamente, uma obra como as que logo começaram a sair, uma depois da outra: o que aconteceu naquela noite na central, quem é culpado, como o acidente foi ocultado do mundo e da própria população, quantas toneladas de areia e concreto foram necessárias para construir o sarcófago sobre o reator mortífero... Mas havia algo que me detinha. Algo que me segurava a mão. O quê? Uma sensação de mistério. Essa impressão que se instalou como um raio em nosso foro íntimo impregnava tudo: as nossas conversas, as nossas ações, os nossos temores, e seguia os passos dos acontecimentos. O acontecimento se assemelhava a um monstro. Em todos nós se instalou, explicitamente ou não, o sentimento de que havíamos alcançado o nunca visto.

Tchérnobil é um enigma que ainda não tentamos decifrar. Um signo que não sabemos ler. Talvez um enigma para o século XXI. Um desafio para nosso tempo (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 40-41).

O acontecimento, então, é alçado a uma categoria de incompreensão, como se a divisão da matéria micro que constitui o átomo expusesse um questionamento a respeito da macroestrutura da humanidade em si mesma, enquanto

dotada de projetos que carregam consigo sua própria destruição,² como é o caso da Revolução Atômica e, também, muito embora opere a partir de uma temporalidade distinta, o aquecimento global, ou as mudanças climáticas no âmbito global. De acordo com a interpretação do físico contemporâneo Niels Bohr, grande estudioso da física quântica e da estrutura atômica, citado no texto de Arendt, nenhuma experiência pode ser definível senão a partir de determinado quadro de referência lógica (ARENDRT, 2014, p. 333). Logo, se todas as nossas percepções logicamente verdadeiras provêm de certa experiência sensorial, logo nossa linguagem, enquanto meio de abertura e expressão humana, abarca também esse mundo dos sentidos. Portanto, ao confundir os sentidos, a partir da temporalidade regressiva do trauma, escrever sobre o desastre nuclear de Tchérnobil e dotá-lo de significado constitui uma tarefa quase impossível. Se há algo na literatura de Aleksievitch que se torna absolutamente formidável, é justamente sua potencialidade linguística de narrar esse tipo de evento.

Lembrando Arendt, a questão passa a residir, então, em uma reflexão sobre a técnica que originou a fissura atômica, pois a conquista de mais esse "espaço microscópico", por assim dizer, de mais essa técnica científica, alçou o planeta em que habitamos à possibilidade de ele se esvaír em pó, reflexão essa também compartilhada por Aleksievitch, tendo em vista que esse tipo de percepção resiste à mera descrição linguística cotidiana, pois certamente extraordinária. O desenvolvimento de descobertas físico-químicas de que não há nada indivisível, de que o próprio

núcleo pode se dissolver em meio a uma monstruosa e poderosíssima explosão carrega consigo a possibilidade da própria extinção do mundo tal como ele existe hoje, deixando-nos habitar em um espaço sem o qual a vida não resiste.³ As consequências dessas conquistas técnico-científicas parecem deixar o futuro do mundo imprevisível, e, com ele, a própria vida. De acordo com Aleksievitch, depois da conquista triunfal dessa técnica que coloca em risco a espécie humana enquanto tal, da insaciável superioridade nuclear entre os dois blocos que constituíam a Guerra Fria, o ser humano vê-se destruindo a si mesmo, em um espelho que reflete a imagem de uma figura que não coloca limites ao seu domínio, o que na verdade também é um paradoxo, pois a energia atômica talvez seja o futuro em termos sustentáveis.

Se há algo que o século XX produziu, e que Tchérnobil e a Revolução Atômica fazem parte, é a ideia de que o ser humano passou a adquirir uma conquista da natureza nunca vista antes na história da humanidade, uma capacidade de agência humana cuja força existia antes apenas a partir da lentíssima onda do tempo geológico. Esses acontecimentos alçaram o ser humano a uma categoria que desafia nossa própria atuação no ambiente, cuja potência erosiva passa a transbordar a ação da própria natureza.

De acordo com o historiador indiano Dipesh Chakrabarty (2013, p. 8), ao pensar sobre a relação com o ambiente a partir da história da historiografia, o ambiente se modificava tão lentamente que a temporalidade desse processo passou a ser praticamente excluída do domínio da historiografia, sendo um conteúdo das áreas

² A reflexão moral feita pela testemunha Serguei Gúrin, operador de câmera cinematográfica que fotografou Tchérnobil nos anos após o desastre, ilustra bem essa noção aplicada à sua memória individual de Tchérnobil: "O mecanismo do mal seguirá funcionando no Apocalipse. Isso eu entendi. As pessoas continuarão bisbilhotando e adulando os seus chefes para salvar a sua televisão e o seu casaco de pele. E no fim do mundo, o homem será o mesmo que é agora. Sempre [...] Um menino, com a voz entrecortada, vermelho de vergonha, um desses meninos mais tímidos, que falam pouco, perguntou: "la respeito da exibição de filmes de Tchérnobil feitos pelo fotógrafo! "E por que não puderam ajudar os animais que estavam ali?". Como assim, por quê? Nunca me havia ocorrido essa pergunta. E não pude responder. A nossa arte só trata do sofrimento e do amor humano, e não de tudo que é vivo. Só do homem! Não nos rebaixamos até os animais e as plantas. Não vemos o outro mundo. Porque o homem pode destruir tudo. Matar tudo. Agora isso já não é nenhuma fantasia" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 160-161). Nesse sentido, podemos pensar também a respeito da relação entre a representação humana e a representação natural do evento e como Tchérnobil demonstra a capacidade humana em ser um agente de destruição geológica e biológica.

³ A fala da testemunha Maria Fedótovna Velitchko corrobora essa reflexão distópica a respeito do futuro da humanidade: "Que tempo é esse? Deus nos deu um sinal. Mas naquele dia em que aconteceu esse Tchérnobil maldito, eu sonhei com abelhas, com muitas, muitas abelhas. As abelhas saíam voando de uma colmeia atrás da outra, e voavam, voavam para bem longe. E quando você sonha com abelha, é sinal de incêndio. A terra vai incendiar. Deus deu o sinal de que o homem já não vive na terra como na sua casa; é um visitante. E nós estamos de visita aqui". Segundo nos relata Svetlana Aleksievitch, durante sua entrevista com Maria, a autora descobriu que estava a vivenciar o momento em que os ali presentes naquela casa "estavam abandonando para sempre sua casa natal" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 206-213).

tangentes à geografia e à geologia. Essa temática, a da história natural, passou a ser revisitada pela historiografia, assunto tratado por Chakrabarty no artigo intitulado "O clima da história: quatro teses", de 2009. Nesse texto, a partir da catástrofe ambiental, Chakrabarty (2009, p. 5) anuncia "o fim da velha distinção humanista entre história natural e história humana", em uma perspectiva que situa o meio ambiente enquanto objeto de estudo da disciplina histórica. Muito embora a humanidade sempre tenha tido diversas relações e interações com o ambiente, Chakrabarty nos indica uma nova relação com o espaço na era contemporânea, baseado nas discussões a respeito do Antropoceno, sobretudo a partir da enorme potência que o ser humano passou a exercer sob o meio ambiente após as Revoluções Industriais, de modo à distinção entre "tempo da natureza" e "tempo histórico" encontrarem-se hoje em xeque. Em um diálogo entre Chakrabarty e Arendt, podemos entender que a conquista da divisão do átomo faz parte desse processo, bem como o desastre nuclear de Tchérnobil. Dessa forma, afirma Chakrabarty (2013, p. 9):

Enquanto involuntariamente destroem a divisão artificial, mas respeitada, entre as histórias natural e humana, os cientistas do ambiente postulam que o ser humano se tornou muito maior do que o simples agente biológico que sempre foi. [...] Chamar seres humanos de seres geológicos é ampliar nossa imaginação acerca do humano. Os seres humanos são agentes biológicos, coletivamente e também como indivíduos. Sempre o foram. Nunca houve um ponto na história humana em que os seres humanos não fossem agentes biológicos. Mas apenas histórica e coletivamente podemos nos tornar agentes geológicos, isto é, assim que alcançamos números e inventamos tecnologias que sejam de uma escala suficientemente grande para causar impacto no próprio planeta.

Ora, esse impacto, interpretado pelo autor a partir da catástrofe ambiental do clima em âmbito mundial em decorrência do aumento de gases-estufa por conta da queima de combustíveis fósseis e da atividade pecuária industrial, pode ser ampliado para a Revolução Atômica e aos desastres nucleares. Nesse sentido, tanto o aquecimento global quanto os desastres nucleares vinculam a mudança da natureza diretamente à ação social do ser humano sobre ela, e não mais por fatores naturais. Essa questão, se lida sob o signo do Antropoceno, pode ser expressa como uma era geológica na qual o ser humano é seu principal agente: erosivo, deformador, modificador. A humanidade como vetor preponderante na constituição do espaço físico do planeta indica uma nova era que nos implica uma questão urgente sobre nossa atuação no mundo. Como bem disse Svetlana Aleksievitch, "com Tchérnobil, o homem levantou a mão contra tudo, atentou contra toda a criação divina, onde vivem, além do homem, milhares de outros seres vivos. Animais e plantas" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 46). Com relação aos acidentes nucleares, portanto, vislumbra-se um conjunto de técnicas potencialmente perigosas que fazem parte do processo de conquista técnico-científica do espaço (ver Imagem 1). Conforme nos indica a respeito do acidente nuclear de Fukushima em 2011, a Revolução Atômica coloca em xeque inclusive a ideia de um uso consciente dessas tecnologias, assim como a própria ideia de "acidente" ou o encerramento de desastres naturais como desvinculados de "suas implicações ou repercussões tecnológicas, econômicas e políticas" (NANCY, 2012, p. 12).

Imagem 1 – Hospital (IV)



Fonte: Flickr – Michael Kötter (2017).⁴

Pripyat Hospital, deixado às pressas pela evacuação da cidade.

O desastre nuclear de Tchérnobil como crítica ao progresso técnico

É a partir da indissolubilidade entre a temporalidade natural e a temporalidade social que podemos interpretar os desastres nucleares, conforme nos auxilia a antropóloga brasileira Telma Camargo da Silva. Segundo essa reconhecida antropóloga, com diversos estudos sobre desastres nucleares, podemos identificar uma disputa em torno da memória de eventos radioativos a partir de suas duas nomeações mais comuns: *acidente* e *desastre*. A utilização do termo *desastre*, que se mostra tanto no subtítulo da edição brasileira de Svetlana Aleksievitch⁵ quanto nos estudos acadêmicos sobre eventos

radioativos que extrapolam seu caráter técnico, decorre da compreensão de que a análise do acontecimento vai muito além do seu caráter puramente biomédico de contagem quantitativa da radiação nos contaminados (SILVA, 2017, p. 21). Segundo essa compreensão, o *desastre* compreende uma ideia de evento que abarca as condições de vulnerabilidade social na qual as pessoas atingidas se encontram, ressaltando a circunscrição e o impacto social nas biografias dos sujeitos afetados pelo evento. O antropólogo cultural estadunidense Allen W. Batteau corrobora essa interpretação, ao dizer que a diferença entre um acidente e um desastre é que "acidentes e eventos naturais como furacões e terremotos

⁴ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cmdrcord/7348877650/in/album-72157630000682736>. Acesso em: 18 ago. 2020.

⁵ Faz-se necessário abordar a diferença editorial dos títulos nos seus diferentes países de publicação, tendo em vista seus diferentes títulos. O título original do livro em russo é Чернобыльская молитва, que tradução literal é Tcheroblyskaya Molitva. Molitva é um termo russo que denomina "oração", fato que explica a sua tradução inglesa pela editora Penguin: Chernobyl Prayer: A Chronicle of the Future. Já a publicação francesa traz o termo molitva de maneira diferente, traduzindo-o como "súplica": La Supplication: Tchernobyl, chroniques du monde après l'apocalypse. As edições turca e grega também trazem no título o termo "oração". Nesse sentido, até onde pesquisei, as únicas edições que carregam o termo "desastre" são as publicadas em Portugal – Vozes de Chernobyl: Histórias de um desastre nuclear –, nos Estados Unidos da América – Voices from Chernobyl: The Oral History of a Nuclear Disaster – e no Brasil: Vozes de Tchérnobil: a história oral do desastre nuclear.

reivindicam vidas e danificam propriedades, mas desastres danificam, às vezes fatalmente, comunidades inteiras, indústrias ou regimes políticos” (BATTEAU, 2001, p. 28, tradução nossa).⁶

Dessa forma, conforme nos relata Svetlana Aleksíevitch, o desastre nuclear de Tchérnobil ocasionou uma grande ruptura social, política e existencial no cotidiano das pessoas contaminadas e na memória local, evento esse que opera a partir de uma temporalidade traumática e modificou drasticamente a relação dos habitantes com o ambiente. Nesse sentido, a autora traz à tona a perspectiva interna dos habitantes que colocam a narrar as suas próprias histórias individuais, sendo, logo, testemunhas vivas dessa catástrofe. Nesse sentido, devemos lembrar que, muito embora a história oral tenha incorporado narrativas biográficas e vivas à historiografia, elas continuam sendo fontes, sendo, portanto, sempre passíveis de críticas, nunca podendo ser utilizadas em última instância com caráter probatório absoluto, conforme nos demonstra Fernando Kolleritz (2004, p. 77). Dessa forma, o texto de Svetlana não pode ser considerado uma escrita da história, mas sim uma literatura memorial, a partir de testemunhos de sobreviventes que trabalham a “verdade” de maneira oblíqua a partir de um regime não científico.⁷ É interessante notar que a metodologia narrativa de Svetlana na maioria das vezes se mostra de maneira não transparente, com aparições ora ensimesmadas, ora escondidas na escrita: são raríssimas as vezes onde encontramos suas perguntas. Na maioria das vezes, o relato toma a forma de um texto corrido, entrecortado com reticências que não sabemos muito bem o que recortam. Assim, a

figura autoral é, por vezes, utilizada mais como fenômeno de curadoria, em uma polifonia narrativa que, em última instância, alça Svetlana a maior testemunha de todas. Em um sentido mais amplo de sua obra, pode-se concluir que a autora trabalha a partir de uma sacralização biográfica, colocando a narrativa oral em uma espécie de pedestal. Assim nos narra ela, no “diário do livro” em *A guerra não tem rosto de mulher*:

As lembranças não são um relato apaixonado ou desapaixonado de uma realidade que desapareceu, mas um renascimento do passado, quando o tempo se volta para trás. Antes de mais nada, é uma criação. Ao contar, as pessoas criam, 'escrevem' sua vida. Acontece inclusive de 'acrescentarem' e 'reescreverem' passagens. Quanto a isso, é preciso ficar alerta. De guarda. Ao mesmo tempo a dor funde e aniquila qualquer falseamento. A temperatura é alta demais! (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p. 13).

Nessa representação narrativa, que trabalha a perspectiva interna dos sobreviventes misturada à função autoral de Svetlana, ela atua como se sua literatura representasse o turbilhão de vozes não ouvidas desde Lênin, representando as vozes silenciadas, reprimidas pela URSS, que, no ato da entrevista, ao se tornarem literatura, adquirem o estatuto de “nem história, nem literatura, apenas história” (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p. 18). Assim, muito embora a questão a respeito da “verdade biográfica” permanecer como se entre parênteses, em um altar de sacralização da oralidade e mesclada por uma aura política, sua narrativa pode nos indicar alguns caminhos a respeito do desastre, sobretudo o componente ético que o envolve.

Em um capítulo onde a autora literalmente entrevista a si mesma “sobre por que Tchérnobil desafia a nossa visão de mundo”, conforme seu

⁶ Do original: accidents and natural events such as hurricanes and earthquakes claim lives and damage property, but disasters damage, sometimes fatally, entire communities, industries or political regimes.

⁷ Devemos fazer uma menção necessária às aspas em torno do caráter “probatório” da narrativa de Svetlana e a sua metodologia um tanto quanto problemática que a faz pertencer mais ao gênero literário do que ao historiográfico. Em 1992, Svetlana foi acusada de anti-patriotismo na Rússia quando da publicação do seu livro *Os rapazes de zinco*, a respeito da Guerra do Afeganistão. A autora foi vítima de dois processos jurídicos por testemunhas que não se reconheceram no livro, conforme aponta o historiador italiano Alessandro Casellato a partir de um apêndice da edição italiana do livro. Sobre esse “tropeço” ficcional, nos aponta Casellato (2016, p. 83): “Os trechos das atas do processo, relatados no apêndice da edição italiana de *Os rapazes de Zinco*, deixam claro como Aleksievitch funcionava (gravando tudo, mas excluindo as fitas cassetes após dois ou três anos para reutilizá-las). Esses documentos também são testemunhos dramáticos das convulsões da memória em fases de rápidas mudanças políticas: mães que contaram à autora sobre a guerra e a morte do filho não queriam ver aquela “verdade horrível” publicada em um livro, porque preferiam a mentira das explicações oficiais, que pelo menos davam sentido às suas dores pessoais. Aleksievitch defendeu-se no tribunal da acusação de ter mudado os nomes declarando-se escritora de literatura documental, reivindicando seu “direito de escritor de ver o mundo como eu o vejo”: “Eu não invento, não extrapolo, mas organizo o material que me fornece a realidade. Meus livros são as pessoas que dizem a mim e a mim, com minha maneira de ver o mundo e de considerar as coisas” (SVETLANA, 2003, p. 18).

título, há a grande presença de uma reflexão ética em torno do desastre, bem como de sua incompreensão. "Tchérnobil não significa apenas conhecimento, mas também pré-conhecimento, porque o homem pôs em discussão a sua concepção anterior de si mesmo", nos diz Svetlana (2016a, p. 39). No intuito de compreender um sentido a partir de um evento que, segundo ela, transbordou a compreensão humana, Svetlana nos narra a respeito da grande dificuldade sensorial em atribuir significado ao fenômeno. A pesada noção de compreender Tchérnobil como um evento "acabado", logo, não se faz possível, na medida em que alguns isótopos radioativos, principalmente ^{239}Pu , ^{240}Pu e ^{241}Am (SMITH; BERESFORD, 2005, p. 291), continuarão naquela terra por mais milhares de anos, se escondendo minimamente nas células vivas de uma natureza que continua a brotar com a morte dentro de si mesma, mesmo que o tempo dos isótopos seja menor do que o proposto pela autora. Tanto em termos naturais quanto sociais, nesse sentido, Tchérnobil é um evento por si só inacabado, o que implica diversas questões com respeito à relação que se tem com aquela localidade.

Narrando sua primeira visita à zona contaminada, Svetlana Aleksievitch (2016a, p. 44) conta:

Na minha primeira visita à zona, os jardins floresciam, a relva jovem brilhava alegremente à luz do sol. Os pássaros cantavam. Um mundo tão... tão familiar. O meu primeiro pensamento foi que tudo estava no lugar, tudo era como antes. A mesma terra, a mesma água, as mesmas árvores. As formas, as cores e os aromas eram eternos e ninguém seria capaz de modificá-los. Mas já no primeiro dia me explicaram que não se deve arrancar flores, que é melhor não se sentar na terra e tampouco beber a água dos mananciais. À tardinha, observei os pastores conduzindo o rebanho cansado ao rio; as vacas, ao se aproximarem da água, imediatamente retrocediam. De algum modo intuam o perigo. E os gatos, me diziam, deixaram de comer os ratos mortos, que se amontoavam no campo e nos pátios. A morte se escondia por toda parte, mas era um tipo diferente de morte, com uma nova máscara. Com aspecto falso.

Nesse sentido, lembrando a reflexão de Arendt sobre a conquista do espaço, o próprio mundo dos sentidos parece se quebrar, na medida em que a morte, nesse caso, passa a ser consubstan-

cial à vida que compõe o próprio entorno material do ambiente. O desastre nuclear ocasionou uma guerra de tipo diferente, uma guerra que opera a partir do silêncio, de uma brisa que, em vez de provocar alívio, leva consigo os microscópicos radionuclídeos espalhados no solo que, pouco a pouco, modificam a estrutura genética da vida humana que ali habita e continua a existir de maneira incompleta e traumatizada.

Dessa forma, a psiquiatra estadunidense e pesquisadora da teoria contemporânea ocidental do trauma Judith Herman pode nos auxiliar nessa compreensão. Segundo Judith Herman, "diferentemente de adversidades comuns, eventos traumáticos geralmente envolvem ameaças à vida ou à integridade corporal, ou então um encontro pessoal próximo com a violência e a morte" (HERMAN apud BRENCIO; NOVAK, 2019, p. 12). A palavra trauma é comumente entendida como um evento estressante ao extremo, ocasionando uma interrupção da vida ordinária – seu uso médico é o mais claro possível para denominar um grande "choque", uma ruptura abrupta, um "traumatismo craniano", por exemplo. Um acontecimento traumático, desse modo, ocasiona uma mudança específica na concepção ontológica de quem o vive, tendo como consequência uma grande ruptura.

O problema acerca da temporalidade do trauma é um tema de grande discussão na área da psicanálise, sobretudo a partir do conceito freudiano *nachträglichkeit*, traduzido para o português como "só-depois" ou "posteriormente" (ANDRADE; MAIA, 2010, p. 76). A conceitualização de uma temporalidade retroativa indica o peso desse tipo de experiência, na medida em que ela se torna tão sobrecarregada que se torna quase impossível compreendê-la ou assimilá-la na hora em que ocorre. Ora, esse "peso" condiciona o espírito incrivelmente retroativo do processo traumático, tendo em vista que seus efeitos continuam a ressoar posteriormente de maneira compulsiva e repetitiva. Nesse sentido, a emoção sentida na pele durante o acontecimento sugere ao sujeito que esse estado emocional de espírito seja quase idêntico ao acontecimento, de modo àquela sensação não ser apenas constitutiva do

evento, mas sim como algo perene e repetitivo. É como se a mente ficasse presa, o que torna difícil ao sujeito retornar a um estado anterior de pré-simbolização daquele sentido, desvinculando-o da experiência. Por isso, a temporalidade retroativa do trauma envolve diversos gatilhos sensoriais que, de certo modo, ajudam a "re-ativar" o evento a partir de sentidos, lugares ou objetos semelhantes que remetam a mente a esse passado. É nesse sentido que narrativas terapêuticas agem, por exemplo, ao dar estímulos positivos que favoreçam a completude existencial da pessoa no presente, ato baseado em uma ideia de autonomia, de modo a possibilitar uma interação dinâmica com o "tendo-sido" a partir daquilo que Freud chamou de um "trabalho de lembrança" (RICOUER, 2007, p. 34), em uma espécie de reconciliação consigo mesmo e de um sepultamento com relação ao trauma. Podemos incluir a narrativa de Svetlana como próxima dessa narrativa terapêutica, inclusive, ao possibilitar um reencontro e uma elaboração oral a partir de uma entrevista que se mostra sensível, em um ambiente compartilhado e afetivo.

Esse processo traumático também se manifesta em termos de linguagem, entendendo o termo a partir da perspectiva sartreana, segundo a qual a linguagem é uma das duas estruturas que condicionam toda e qualquer existência, sendo a janela pela qual ela se expressa ao mundo, ao coletivo e também a si mesma (SAAS, 2009). A questão que nos interessa é que o falar sobre o trauma deve também lidar com esse "extraordinário" marginalizante, abrindo-se a possibilidade empírica de um confronto real com essa face do passado. A partir de Freud, um trabalho de elaboração deve vir acompanhado, por parte do sujeito (ou do paciente clínico-social) de uma tomada de posição envolta em um desnudar-se, de modo ao trauma não ser algo vergonhoso para ele, vergonha essa que implica uma repulsa e um distanciamento. Ao contrário, ele deve perceber o trauma como "uma parte de sua essência, cuja presença tem boas motivações e da qual poderá extrair elementos preciosos para sua vida posterior" (FREUD, 1975 apud GAGNEBIN, 2009, p. 104).

Com relação ao trauma, então, tanto a linguagem, que é sua maneira de inscrição no mundo inteligível de expressão, quanto a temporalidade, que demonstra sua retroatividade, estão marcadas por essa espécie de "fantasmas" do passado.

No caso de Tchérnobil, conforme nos diz a testemunha identificada como "Piotr S., psicólogo", tanto a linguagem quando a separação entre passado e presente se mostram confusas:

Para mim, são lembranças tão difíceis que não falo delas em voz alta.

Então, passei a entender a morte e o nascimento como a mesma coisa. Tive o mesmo sentimento quando o bezerro saiu de dentro da vaca. Quando nasceram os gatinhos. E quando a mulher se suicidou nos arbustos. Por alguma razão, tudo isso me parecia ser a mesma coisa. Nascimento e morte.

Recordo desde a infância o cheiro da nossa casa quando sacrificavam um javali. Basta você tocar nesse ponto para que eu caia, desmorone. Nesse pesadelo... Nesse horror... A minha cabeça viaja...

Lembro como as mulheres nos levavam, crianças, com elas para o banho. E todas as mulheres, inclusive a minha mãe, tinham o ventre caído (isso nós já entendíamos), e elas o amarravam com panos. [...] Depois que eu cresci e passei a me relacionar com uma mulher, isso me veio à memória... O que vi no banho...

Queria esquecer... Esquecer tudo... Esquecer... [...]

Fui à zona de Tchérnobil. Já estive lá muitas vezes. E lá eu entendi que era impotente. Que não compreendo. E esse sentimento de impotência está me destruindo. Porque não reconheço este mundo. Tudo nele mudou. Até o mal e outro. O passado já não me protege. Não me tranquiliza. Não dá respostas. Antes sempre dava, agora não mais. O futuro me arruína, não o passado (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 56-57).

Essa fala demonstra muitas das coisas discutidas até aqui, como a questão da incompreensão, da impotência, de uma temporalidade bagunçada, de uma linguagem que parece não conseguir expressar o evento. Ora, podemos observar a partir dos relatos de Svetlana que essa catástrofe ambiental se manifesta também espacialmente, constituindo certa memória. Assim, Milton Santos nos auxilia ao afirmar que toda existência humana se fixa em determinado lugar, sendo o espaço um aspecto fundamental da "relação entre o homem e o mundo, entre o homem e o seu entorno" (SANTOS, 2017, p. 90). Dessa forma, segundo Santos,

toda experiência também se dá sobre sua base material, temporal e técnica: “[...] o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas” (SANTOS, 2017, p. 54).

Assim, é o próprio espaço, compreendido física e biologicamente, quem também carrega a memória territorial do acontecimento, em sua própria corporeidade enquanto um ambiente físico que possibilita a fixação social. O caos e a desordem provocados pelo evento traumático deixaram cicatrizes nos habitantes, marcas em aberto que insistem em se repetir a partir da continuidade sensorial da dor, da vulnerabilidade, e o espaço, nesse caso, é um vetor de sua continuidade: é a ação involuntária da própria radioatividade no tempo. Afinal, para essas cicatrizes existirem, seja como metáfora ou como concito, elas precisam de um espaço que habite essa experiência, seja o corpo dos sobreviventes ou o ambiente territorial em si. O que mais assusta com relação a esse aspecto é a perenidade de uma radiação que se esconde em todos os lugares, de maneira invisível, incorpórea, quase divina. Assim nos diz uma mulher que saiu com sua família de Duchambé (Душанбе) – capital do atual país Tadjiquistão, que, enquanto parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, se chamava Stalinabad, em referência a Stálin – em decorrência de violentos conflitos territoriais entre os tjadiques da cordilheira de Pamir (Памир) e da região de Kuliab (Куляб), para ir morar na cidade de Naróvia, na Bielorrússia, que dista pouco mais de 70 quilômetros da usina nuclear de Tchérnobil. Assim nos conta essa testemunha, de nome anônimo: “No início, perguntávamos às pessoas daqui: ‘Onde está essa radiação?’. ‘Onde você estiver, ali está a radiação’. Então é na terra toda? (*Enxuga as lágrimas*) As pessoas foram embora. Ficaram com medo. [...] Ao menos aqui não há tiros”. Já sua mãe, quando perguntada sobre o motivo da família ter ido para Naróvia, diz: “Porque daqui já não vão nos expulsar. Dessa terra, não. Porque já não é terra de ninguém. Deus a tomou. As pessoas a abandonaram” (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 91, grifo da autora). A partir dessas duas citações, podemos pensar inclusive em como o trauma

da radioatividade é encarado de forma diferente por essa família, na medida em que encontraram ali um ambiente muito mais pacífico do que sua cidade tjadique anterior, que estava em guerra.

Assim, conforme argumenta a pesquisadora indiana Elwin Susan John (2019) a respeito dos efeitos corporais de traumas químicos, talvez nesses casos o corpo se faça mais presente do que nunca, na medida em que o ambiente carregará os radionuclídeos por um tempo muitíssimo superior à vida humana em si, na contagem de centenas de milhares de anos, processo esse criado justamente a partir de uma interferência quase geológica por parte do ser humano! O ambiente de Tchérnobil e das zonas contaminadas da Bielorrússia, assim, estão marcados fisicamente pelos efeitos da radiação em sua própria natureza viva, assim como o corpo dos sobreviventes, principalmente nos primeiros dez anos após o desastre, muitos deles com um câncer desenvolvido ou com má-formação de membros em seus descendentes, por exemplo. Esses sintomas, logo, são fisicamente irreversíveis (JOHN, 2016, p. 52), muito embora psicologicamente conciliáveis, por um corpo que possui o trauma, mas também resiste a ele elaborando-o.

Ao longo do livro de Svetlana Aleksievitch, não são poucas as referências a Tchérnobil como um lugar abandonado, como um lugar “sem vida”, ou como uma terra arrasada. Nesse sentido, devemos lembrar de que os habitantes das assim chamadas “zonas contaminadas” foram obrigados pelo governo soviético a abandonar suas casas compulsoriamente, fazendo com que eles tivessem que ocasionar uma ruptura com relação à memória local, tanto de suas casas quanto da cidade como um todo. Esse trauma, repentinamente anunciado pelo governo soviético, o que fez com que a maioria dos habitantes tivessem que sair de suas casas às pressas, dificultando um estado de luto, carrega consigo a dimensão de milhares de pessoas que não tinham mais uma casa para onde voltar, crianças que nascem mortas, crianças que passam a maior parte da vida no hospital a partir de uma vida que parece estar submetida sempre à incerteza biológica, ao

medo. Muito embora Svetlana pinte esse retrato de maneira um pouco infiel, alçando a URSS a um regime de assassinos que aparentemente nada fizeram em relação ao evento, a retirada das pessoas foi fundamental para sua própria proteção, e houve diversas técnicas de manejamentos de solos que possibilitaram o decréscimo da contaminação ao longo dos dez anos após o acidente, conforme nos relatam muito bem Jim Smith e Nicholas Beresford (2005, p. 191-217) em um estudo de fôlego sobre a geologia isotópica, a temporalidade radioativa e as consequências ambientais de Tchernóbil, duas das maiores referências mundiais no assunto. Realmente, a resposta inicial por parte do governo soviético foi marcada pela negação e pelo atraso. A falta de implementação de medidas para reduzir a exposição a ¹³¹I – um dos isótopos radioativos mais presentes no primeiro momento – poderia ter evitado a massiva contaminação indireta por consumo de leite e carne cuja radiação fora absorvida pela tireoide dos sujeitos, bem como a imensurável falha em não ter comunicado às populações locais para que ficassem no interior de suas casas com o objetivo de não inalassem o oxigênio contaminado, evitando o desenvolvimento de doenças como o câncer de tireoide (KONOGOROV; IVANOV; CHEKIN; KHAIT, 2000).

Conforme nos afirmam os dados da International Chernobyl Project (IAEA) (1991), logo após a explosão no reator 4, cerca de cem bombeiros foram chamados ao local para apagar o fogo, sendo responsáveis por sua contenção e pela prevenção de uma nova explosão de hidrogênio que se avizinhava na usina. Em um ato de extrema bravura, muitos continuaram no local por muitas horas mesmo após o fogo ter se apagado, o que os expôs a doses altíssimas de radiação, que, de tão altas, eram impossíveis de medir, o que levou literalmente a decomposição corporal de muitos deles, como é o caso do relato que abre o livro *Vozes de Tchernóbil*. O relato é de Liudmila Ignátienko, esposa do bombeiro falecido Vassili Ignátienko, um dos bombeiros responsáveis pelo apagamento do fogo na usina de Tchernóbil na mesma noite do desastre. Narrando a morte de seu marido após cerca de um mês internado no hospital, ela assim nos conta:

Então, me recompus e pensei: "É a última vez que o verei! Vou vê-lo!". Desci a escada, tropeçando... Ele ainda estava na câmara hiperbárica, não o haviam levado. As últimas palavras dele foram: "Liúcia! Liúcienka!".

"Acaba de partir. Agora mesmo", tentou me acalmar a enfermeira.

Ele suspirou e silenciou.

Eu não me afastei mais dele. Fui com ele até o túmulo, embora me recorde não do ataúde, mas de um saco de polietileno. Esse saco... No necrotério, perguntaram: "Quer que lhe mostremos como vamos vesti-lo?". "Quero!" Vestiram-lhe um traje de gala e puseram o seu quepe sobre o peito. Não calçaram sapatos, pois os pés estavam inchados. Eram bombas em vez de pés. O traje de gala também foi cortado, não era possível esticá-lo, o corpo estava se desfazendo. Todo ele era uma chaga sanguinolenta.

No hospital, nos últimos dias, eu levantava a mão dele e os ossos se moviam, dançavam, se separavam da carne. Saíam pela boca pedacinhos de pulmão, do fígado. Ele se asfixiava com as próprias vísceras. Eu envolvia a minha mão com gaze e a enfiava na boca dele para retirar tudo aquilo... É impossível contar isso! É impossível escrever sobre isso". E sobreviver... E tudo isso era tão querido... Tão meu... (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 31-32).

Contrariando a equipe médica e as recomendações soviéticas, Liudmila conseguiu acesso ao leito de seu marido no hospital de Moscou diversas vezes, estando ao seu lado até o momento de sua morte. A esposa, que estava grávida na época, dois meses depois dá à luz à filha, que carregava o nome desejado pelo seu marido. Assim ela narra o momento do parto:

Me mostraram... Uma menina...

"Natáchenka! Papai te deu o nome de Natáchenka", eu disse.

Pelo aspecto, parecia um bebê saudável. Bracinhos, perninhas... Mas tinha cirrose. No fígado havia 28 roentgen, e uma lesão congênita no coração. Depois de quatro horas, me disseram que ela tinha morrido. E me falaram de novo: "Nós não vamos te dar o corpo dela". "Como não vão me dar o corpo?! Sou eu que não o darei a vocês! Vocês querem tomar a minha filha para a ciência, pois eu odeio a sua ciência! Odeio! A sua ciência já levou o meu marido e agora quer mais... Não darei! Eu mesma a enterrarei. Ao lado dele... (*Passa a falar em sussurros.*)

Não consigo dizer o que quero, não com palavras... Depois do ataque do coração, não posso gritar. Nem chorar. Mas eu quero... Quero que saibam... Ainda não confessei a ninguém... Quando me recusei a entregar a minha filhinha, a nossa filhinha... Então trouxeram uma

caixinha de madeira: "Aqui está ela". Olhei: ela estava envolvida em panos. Ela jazia envolta em panos. Eu então chorei.

"Ponham-na aos pés do meu marido. Digam que é nossa Natáchenka."

Ali, na tumba, não está escrito Natália Ignátienko. Há só o nome dele. Ela não teve nome, não teve nada, apenas alma... E foi ali que eu enterrei a sua alma.

[...] Eu a matei... Fui eu... Ela... Ela me salvou... A minha filhinha me salvou. Recebeu todo o impacto radioativo, foi uma espécie de receptor desse impacto. Tão pequenininha. Uma bolinha. (*Suspira*.) Ela me salvou. Mas eu amava os dois. Será... Será possível matar com o amor? (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 34-35, grifo da autora).

Muito embora os esforços dos bombeiros em apagar o fogo inicial tenha sido exitoso, o reator destruído continuou a queimar. Assim, durante os dias após a explosão, houve um imenso trabalho para despejar materiais como boro, chumbo, areia e argila no núcleo do reator exposto, a fim de abafar o fogo, absorver a radiação e reduzir as reações nucleares. De acordo com o relatório do Comitê Científico das Nações Unidas sobre os Efeitos da Radiação Atômica, foram feitos 1800 voos de helicóptero durante os dez primeiros dias, voos de extremo risco para os pilotos, até a contenção do fogo (UNSCEAR, 2000).

A maioria dos bombeiros não possuía treinamento específico, tampouco houve orientações para as populações locais ficarem em casa, ou distribuição de máscaras. Os cerca de 44 mil habitantes da cidade de Pripyat (Пříпять), a 3km da usina, foram evacuados do local no dia 27 de abril às 14h00, cerca de um dia e meio após o ocorrido. No dia 6 de maio, a zona inteira de 30km² foi evacuada. Os subseqüentes mapeamentos fizeram com que 116 mil habitantes e 60 mil bois fossem evacuados em uma área de 150km², incluindo áreas na Bielorrússia e na região russa de Bryansk (BELAYEV *et al.*, 1996). Nos anos subseqüentes, a evacuação atingiu 3.500km² e cerca de 350 mil habitantes (UNSCEAR, 2000). Atualmente, a maioria das zonas contaminadas permanece inabitada, muito embora haja alguns habitantes ilegais e

pequenas áreas tenham sido reincorporadas.

A questão central que nos interessa aqui é não apenas a construção de um *sarcófago* ao redor do prédio do reator e suas imperfeições estruturais – Smith e Beresford (2005, p. 10) nos narram a que aproximadamente 1.000m³ de água infiltram-se no prédio por ano –, mas sobretudo o sepultamento de objetos contaminados, valas de concreto onde se enterraram, por vezes, casas inteiras. De acordo com Kholosha *et al.* (1996), há aproximadamente 800 valas de enterro de resíduos ao longo da área de 30km², as maiores do tamanho de um campo de futebol com até 10m de profundidade. Lá não estão apenas restos da usina jogados ao longe pela explosão, mas também vegetação e casas demolidas. Conforme nos detalham Jim Smith e Nicholas Beresford (2005, p. 11), centenas de milhares de civis e militares estiveram envolvidos na operação de "limpeza"⁸ e recuperação da zona contaminada de 30km². Entre 1986-1987, a quantidade desses trabalhadores da zona, também chamados de *liquidadores*, chegaram a 292 mil. Já entre 1988-1989, quando o grau de exposição era menor, cerca de 566 mil trabalhadores se empenharam na tarefa de limpeza. O grau médio de exposição dos liquidadores de 1986-87 foi de 100 mGy, e aproximadamente 4% recebeu mais de 250 mGy (BOICE, 1997). A compensação desses liquidadores se deu de diversas formas por parte do governo, como, por exemplo, benefícios médicos, compensação financeira etc.

Assim nos conta um liquidador, depois do retorno da missão, já em casa, quando relata que perguntou para uma moça se ela gostaria de namorar com ele, ao que ela responde: "Para quê? Você agora é um dos de Tchernobil. Quem vai querer casar com você?" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 115). Nesse sentido, há uma clara relação entre uma exclusão social que circunscreve-se à dimensão territorial daqueles que "estiveram lá", característica essa que, além da exclusão e do abandono, passa por uma ideia de "não vida", e, em última

⁸ Muito embora essa limpeza em algumas localidades tenha sido feita de forma incorreta, fazendo com que a radioatividade atingisse os lençóis freáticos e contaminasse os trabalhadores. Para um estudo mais detalhado sobre as consequências ambientais aquáticas do desastre, consultar o capítulo 4 de Chernobyl: catastrophes and consequences, de Jim Smith e Nicholas Beresford.

instância, de morte, justamente pessoas que, em um ato absolutamente heroico, deram suas vidas para a contenção do desastre. Assim nos relata o testemunho de Anna Petróvna Badáieva, descrita como "residente na zona contaminada", provavelmente uma das pessoas que ficaram residindo ilegalmente em suas casas apesar da contaminação. Após encontrar toupeiras asfixiadas em sua horta pela manhã, Anna pergunta ao seu filho por telefone, que reside em outra cidade, "o que é a radiação?", ao que seu filho responde, pedindo que ela e seu pai saiam dali, "Mamãe, é uma espécie de morte" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 82), a morte que habita em sua própria casa...

Todavia, devemos nos lembrar também dos inúmeros habitantes que desejam continuar vivendo em zonas contaminadas. Assim nos diz Arkádi Filin, um dos muitos liquidadores:

Eu compreendo que você tenha curiosidade por tudo isso; todos os que não estiveram lá sentem curiosidade. Tchérnobil significa uma coisa para Minsk e outra para a própria zona. E em algum lugar da Europa significará ainda uma terceira coisa. Na própria zona, a indiferença com que se falava de Tchérnobil era surpreendente (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 134-135).

Muito interessante também é a fala de Arkádi Pávlovitch Bogdankévitch, médico rural para a escritora, que não sabemos se estava sozinha ou acompanhada de uma equipe ou de outras pessoas: "Gente boa, não nos perturbem! Deixem-nos em paz! Vocês falam conosco e vão embora, mas nós temos que viver aqui" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 164). Podemos refletir, inclusive, sobre como há um processo de estigmatização com relação aos habitantes da zona que desejam continuar residindo naquela localidade por livre e espontânea vontade, vontade essa que, cremos, deva ser respeitada. Nesse sentido, o próprio trauma, tampouco a vivência do acontecimento de modo geral, não pode ser encarado como um bloco monolítico de interpretação única, mas sim como signo aberto de interpelação, a partir do qual cada um inscreve a sua própria percepção a respeito dela.

Entretanto, não se pode deixar de lado o fato de que o desastre nuclear, conforme nos mostram os muitos relatos coletados por Svetlana Aleksí-

évitch, causou uma grande ruptura no imaginário bielorrusso e ucraniano, questão que passa pela invisibilidade da radiação em um ambiente que continua a viver os radionuclídeos fisicamente. Por fatores como correntes de ar e constituição do relevo, a área ao sul da Bielorrússia foi mais afetada do que a ucraniana. Inclusive, a partir de alguns relatos – de testemunhas, da autora e de grande parte da bibliografia acadêmica –, observamos uma clara vinculação entre Tchérnobil e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o que alia as rupturas a partir de uma perspectiva tanto social quanto física. "Concluíram duas catástrofes: a social – aos nossos olhos arruinou-se a União Soviética, submergiu sob as águas o gigantesco continente socialista – e a cósmica – Tchérnobil", nos diz a autora (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 46), por vezes ignorando os esforços do governo na contenção da radiação. Após o desastre, Tchérnobil parece ser assemelhado a uma "catástrofe da consciência" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 49), uma catástrofe técnica da própria humanidade enquanto projeto científico e agente geológico.

Se, a partir do Antropoceno, é o ser humano quem é o maior agente de modificação ambiental, conforme demonstrou Chakrabarty, os desastres radioativos demonstram a possibilidade de uma paisagem sem o ser humano, um acontecimento cuja compreensão reside em uma estrada inacabada e que parece nos levar a um lugar de incompreensão: a "pirâmide do século XX" (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 47). Assim, o espaço é compreendido também como um ator que opera a face inacabada do desastre, na medida em que mantém vivos fisicamente os efeitos químicos da radioatividade. Lá, o existir da própria vida enquanto tal parece ser assemelhada a uma guerra, a um grande esforço, marcas essas que literalmente continuam a fincar suas raízes no solo. A espacialidade, assim, também se torna um vetor do trauma, pois corporifica sua perenidade em termos físico-químicos. Essa grande modificação do ambiente, que podemos ler sob o signo de uma ruptura, produziu um enorme impacto social e cultural, tendo em vista a grande migração forçada da maioria dos habitantes da localidade,

por meio de um grande abandono territorial. É a partir desse espaço, radioativamente marcado, traumaticamente repetitivo, que são possibilitadas as condições de vida (natural e humana) naquele local, uma vida onde a morte habita silenciosa em cada flor, cada passarinho, cada gota d'água...

Considerações finais: As zonas contaminadas e a ausência de ação humana

Os efeitos ambientais após o desastre são extensivamente pesquisados cientificamente em âmbito mundial, e não pretendo aqui esgotar, nem tampouco concluir esse riquíssimo debate. Gostaria de ressaltar, a título de conclusão, apenas um texto, de autoria dos cientistas Robert Baker e Ronald Chesser, intitulado "The Chernobyl Nuclear Disaster and Subsequent Creation of a Wildlife Preserve" e publicado na *Environmental Toxicology and Chemistry*. O texto começa com uma pergunta feita por um oficial do Departamento de Energia dos EUA a respeito das consequências do desastre na fauna local. Os pesquisadores afirmaram que, muito embora não se possa dar uma resposta conclusiva, "os impactos ecológicos foram positivos" (BAKER; CHESSER, 2000, p. 1231). Assim nos relatam Baker e Chesser, com uma espécie de inconcluso mistério:

Após uma longa pausa, o oficial perplexo perguntou como é possível que o pior acidente nuclear na história, liberando entre 100 e 200 milhões Curias de radiação no meio ambiente, podem produzir resultados e consequências ecológicas positivas. A resposta foi simples – humanos evacuaram a zona contaminada.

A menção ao desastre nuclear de Chornobyl geralmente traz pensamentos de morte, destruição, câncer, perdas econômicas maciças e outras imagens negativas. Claramente, os impactos econômicos foram devastadores para a economia ucraniana, assim como os efeitos danosos causados em humanos, como taxas elevadas de câncer, e a matança de pinheiros na Floresta Vermelha é real. Contudo, os efeitos da flora e da fauna nas regiões altamente radioativas da zona restrita têm sido extremamente positivos, em favor da biodiversidade e da abundância de animais. Nossas 12 expedições nas áreas mais radioativas dessas zonas revelaram que a vida animal é abundante. Partes da zona de exclusão de 10 km ao redor do Reator 4 são impressionantemente, ainda que enganosamente bonitas. Somente os cliques e assobios

de nossos equipamentos eletrônicos indicaram que o habitat estava contaminado com radioatividade (BAKER; CHESSER, 2000, p. 1231).

Os efeitos logo após os impactos ocasionaram uma morte em massa de roedores e de pinheiros, além de alterações genéticas em diversos animais e desenvolvimento de cânceres na população. Todavia, durante as suas visitas à zona contaminada, os pesquisadores encontraram veados, alces, raposas, javalis, lontras e coelhos, assim como lobos, águias e cegonhas-pretas, ameaçadas de extinção. A diversidade de flores e outras plantas são iguais àquelas de habitats protegidos fora da zona (ver Imagem 2).

Com certeza o nível de radioatividade provocado pelo colapso de Chernobyl tem impactos discerníveis e negativos na vida vegetal e animal. No entanto, o benefício da exclusão de humanos desse ecossistema altamente contaminado parece compensar significativamente qualquer custo negativo associado à radiação de Chernobyl (BAKER; CHESSER, 2000, p. 1231).

Não se deseja aqui relatar uma espécie de efeito benéfico do desastre, nem tampouco a afirmação de que essa biodiversidade não é atravessada por condições genéticas consideradas anormais e por condições prejudiciais à vida animal. Segundo nos relatam os cientistas, são necessários estudos sobre os efeitos a longo prazo de acúmulo genético nessas espécies, a fim de que se entenda a diferença entre a população exposta e a população não exposta à radiação, tais como genética populacional, demografia, taxa de mutação, expectativa de vida, fertilidade, resistência à radioatividade etc. Todavia, considerando que se trata de um debate por demais longo e específico à área da biologia molecular, o que podemos retirar desse texto é a afirmação de que Tchérnobil não é um deserto, e que, muito embora a mais perigosa, a energia nuclear é considerada uma das mais limpas fontes de combustível. Entretanto, a disparidade entre, de um lado, a expulsão humana em decorrência da radioatividade e, do outro, uma rica biodiversidade de fauna e flora, nos permite refletir sobre a própria ação antrópica no planeta. Muito provavelmente essa biodiversidade não

estaria presente na localidade caso houvesse uma ocupação humana baseada na industrialização e na ocupação extensiva daquele território. Estaríamos diante de um horizonte no qual esse texto funcionaria como uma espécie de aviso, uma oração, uma *molitva* à Tchérnobil? Acaso não poderíamos falar de uma existência humana radioativa e tóxica ao meio ambiente, que continua manifestando seu domínio e traumatizando nossa relação com o mundo natural, incessante e regressivamente? Sem sombra de dúvida, a devastação ambiental e o modo produtivista de consumo andam lado a lado, na conquista de um espaço que está cada vez mais se tornando escasso. Em tempos de Antropoceno, não pode-

mos deixar de considerar que a vida humana é uma das causadoras da morte de nosso próprio planeta. Talvez a lição que possamos tirar disso, que considero como um aviso, é a necessidade de existirmos cada vez mais a partir da sustentabilidade, sob a pena de matarmos o próprio espaço que nos possibilita existir: o meio ambiente, o planeta sob o qual caminhamos. "Objetos sem o homem, paisagem sem o homem. Estradas para lugar nenhum, cabos para parte alguma. Você se pergunta o que é isso: passado ou futuro? Algumas vezes, parece que estou escrevendo o futuro..." (ALEKSIÉVITCH, 2016a, p. 51). Talvez essa continue sendo a grande pergunta.

Imagem 2 – Przewalski's horses



Fonte: Flickr – Michael Kötter (2017).⁹
Cavalos pastando. Atrás, pode-se ver o *sarcófago* da usina.

Referências

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Cia das Letras, 2016a.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Cia das Letras, 2016b.

ANDRADE, Fernando; MAIA, Luís. Nachträglichkeit: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica. *Estudos de Psicanálise*, Aracajú, n. 33, p. 75-90, jul. 2010.

⁹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cmdrcord/11859258694/in/album-72157630000682736/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ARENDR, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

ÁVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (org.). *A História (in)disciplinada: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

BAKER, Robert; CHESSER, Ronald. The Chernobyl Nuclear Disaster and Subsequent Creation of a Wildlife Preserve. *Environmental Toxicology and Chemistry*, Durham, v. 19, n. 5, p. 1231-1232, 2000. <https://doi.org/10.1002/etc.5620190501>

BATTEAU, Allen W. Aggressive Technology in a Century of Industrial Disasters. *Practicing Anthropology*, Oklahoma, v. 23, n. 4, p. 28-32, 2001. <https://doi.org/10.17730/praa.23.4.p46445vr754r2507>

BELAYEV *et al.* Characteristics of the development of the radiological situation resulting from the accident, intervention levels and countermeasures. In: KARAOGLOU, A.; DESMET, G.; KELLY, G. N.; MENZEL, H. G. (org.). *The Radiological Consequences of the Chernobyl Accident*. Brussels: European Commission, 1996. p. 19-28.

BOICE, J. D. Leukaemia, Chernobyl and Epidemiology. *Journal of Radiological Protection*, Manchester, v. 17, n. 3, p. 129-133, set. 1997. <https://doi.org/10.1088/0952-4746/17/3/001>

BRENCIO, Francesca; NOVAK, Kori D. The continuum of Trauma. In: SCHAUB, D.; LINDER, J.; NOVAK, K.; TAM, S.; ZANINI, C. (org.). *Topography of Trauma: Fissures, Disruptions and Transfigurations*. Leiden: Brill | Rodopi, 2019. p. 11-24. https://doi.org/10.1163/9789004407947_003

CASELLATO, Alessandro. Il mestiere della storia orale. Stato dell'arte e buone pratiche. *Archivio Trentino*, Trento, v. 1, p. 75-102, 2016.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. *Sopro*, Florianópolis, n. 91, p. 1-22, jul. 2013.

FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura na Idade Clássica*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed.34, 2006.

HERING TORRES, Max Sebastián. Limpieza de Sangre: ¿racismo en la edad moderna? *Tiempos Modernos*, Madrid, v. 4, n. 9, p. 1-16, 2003.

IEIA. *The International Chernobyl Project Technical Report*. Vienna: International Atomic Energy Agency, 1991. 640 p.

JOHN, Elwin Susan. (Un)Heard Voices: Trauma and Reconfigurations of the Body. In: O'DONNELL (org.). *Ruptured Voices: Trauma and Recovery*. Freeland: Interdisciplinary Press, 2016. p. 51-59. https://doi.org/10.1163/9781848883727_006

JOHN, Elwin Susan. 'I Used To Be Human Once': Trauma and Reconfigurations of the Body in Chemical Disasters. In: SCHAUB, D.; LINDER, J.; NOVAK, K.; TAM, S.; ZANINI, C. (org.). *Topography of Trauma: Fissures, Disruptions and Transfigurations*. Leiden: Brill | Rodopi, 2019. p. 192-207. https://doi.org/10.1163/9789004407947_012

KOLLERITZ, Fernando. Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 73-100, 2004. https://doi.org/10.1163/9789004407947_012

KHOLOSHA, V.; SOBOTOVITCH, E.; PROSCURA, N.; KUZAKOV, S.; KORCHAGIN, P. Management problems of the restricted zone around Chernobyl. In: KARAOGLOU, A.; DESMET, G.; KELLY, G. N.; MENZEL, H. G. (org.). *The Radiological Consequences of the Chernobyl Accident*. Brussels: European Commission, 1996. p. 339-343.

NANCY, Jean-Luc. *L'Équivalence des catastrophes: après Fukushima*. Paris: Galilée, 2012.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

SAAS, Simeão. A linguagem sartreana. In: CARNEIRO, Marcelo Carneiro; GENTIL, Hélio Salles (org.). *Filosofia francesa contemporânea*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 337-347.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e emoção*. 4. ed. g. reimpr. São Paulo: Ed. USP, 2017.

SCHAUB, Danielle. Introduction: Mapping the Topography of Trauma. In: SCHAUB, D.; LINDER, J.; NOVAK, K.; TAM, S.; ZANINI, C. (org.). *Topography of Trauma: Fissures, Disruptions and Transfigurations*. Leiden: Brill | Rodopi, 2019. p. 1-10. <https://doi.org/10.1163/9789004407947>

SILVA, Thelma C. da. Silêncios Da Dor: Enfoque Geracional E Agência No Caso Do Desastre Radioativo De Goiânia, Brasil. *Iberoamericana – Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies*, Estocolmo, v. 46, n.1, p. 17-29, 2017. <https://doi.org/10.16993/iberoamericana.104>

SILVEIRA, Pedro Telles da. A última voz humana viva: uma leitura de Svetlana Aleksievitch em um tempo de catástrofes. *Revista Vernáculo*, Curitiba, n. 40, p. 6-40, 2017. <https://doi.org/10.5380/rv.voi40.49683>

SMITH, Jim; BERESFORD, Richard. *Chernobyl: catastrophes and consequences*. Heidelberg, New York: Springer, 2005.

UNSCEAR. Report to the General Assembly: Sources and effects of ionizing radiation, Vol. II, Annex J. New York: United Nations, [2008]. p. 453-551. Disponível em: <http://unscear.org>. Acesso em: 14 jul. 2020.

João Camilo Grazziotin Portal

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; bolsista CAPES. Membro do Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado (LUPPA/UFRGS). Escritor, autor de *Um eterno quase* (Oikos, 2017). Professor no cursinho popular pré-vestibular Afirmação.

Endereço para correspondência

João Camilo Grazziotin Portal
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43311, sala 206
Agronomia, 91509900
Porto Alegre, RS, Brasil